

Expertise psi sobre sexualidade: contribuições de Michel Foucault

Expertise psi about sexuality: contributions of Michel Foucault

Marcelo Santana Ferreira ¹

Renata Carvalho Nardelli²
UFF

Resumo: O presente artigo é um esforço de análise sobre a pesquisa de Michel Foucault acerca da sexualidade ocidental. Inicialmente, são apresentados conceitos da formulação de Michel Foucault a respeito da sexualidade ocidental, numa abordagem de sua concepção de história e da íntima relação estabelecida entre sujeito e verdade. Posteriormente, por intermédio da apresentação da continuidade das pesquisas de Foucault, alcança-se a sua perspectiva genealógica sobre a subjetividade ocidental. O propósito do artigo é, a partir de Michel Foucault, considerar a Psicologia como uma *expertise* sobre a sexualidade, indicando a proximidade política e histórica dos temas e a necessidade de uma ultrapassagem desta condição, com o intuito de se realizar uma abordagem ética da Psicologia em sua relação com a sexualidade e os regimes éticos na base dos processos de subjetivação.

Palavras-chave: Sexualidade. Subjetividade. Psicologia.

Abstract: This article is an analysis effort of the research of Michel Foucault on westerly sexuality. Initially, the concepts about westerly sexuality in Michel Foucault are presented, related of his conception of history and the close relationship established between subject and truth. Subsequently, through the presentation of further study of Foucault, attains its genealogical perspective on the Western subjectivity. The purpose of the article is, based on Michel Foucault, to consider Psychology as an *expertise* on sexuality, indicating the proximity of the political and historical issues and the need for a break of this condition, in order to conduct an ethical approach in Psychology about its relationship with sexuality and ethical regimes on the basis of subjectivation processes.

Keywords: Sexuality. Subjectivity. Psychology.

Apresentando o problema: Foucault e a sexualidade

No primeiro volume de *História da Sexualidade*, Michel Foucault (1988/1997) apresenta a cronologia da sua investigação sobre a ciência da sexualidade ocidental, propondo o chamado limiar da modernidade biológica como passagem histórica em que se desenvolvem racionalidades específicas sobre o fato de sermos seres vivos, sobre

¹ Professor de Psicologia Social no departamento de psicologia da UFF/Niterói. Mestre e Doutor em Psicologia Clínica pela PUC/RJ. E-mail: mars.ferreira@yahoo.com.br

² Graduanda do curso de Psicologia – UFF. E-mail: renatanuff@hotmail.com

a loucura que conquistou o estatuto de doença mental e sobre a infância. A modernidade biológica emerge, reorganizando a *episteme* clássica e é o contexto de uma bio-história, ou seja, momento histórico em que se toma consciência da estreita relação entre o tema da vida da espécie humana e questões de natureza política e institucional. Há, ainda, o paroxismo dos Estados que assumem como função conduzir as populações, recobrindo o que o pensador já havia considerado como uma anátomo-política do corpo humano. A anátomo-política do corpo humano fora a categoria formulada por Foucault com o intuito de compreender a formação das instituições disciplinares, a partir do século XVII na Europa Ocidental, lugares em que se estabeleciam pedagogias dos gestos necessários para o cumprimento de diferentes tarefas pelos indivíduos e grupos humanos.

A elaboração de uma biopolítica – uma racionalidade específica desenvolvida sobre problemas políticos emergentes da consideração da humanidade como espécie, objeto de gestão, de otimização e, portanto, de condução – das populações encontra no espaço familiar uma passagem para os regimes morais e conhecimentos científicos desenvolvidos sobre o corpo de prazer de homens, mulheres e crianças, desembocando na organização de um espaço familiar denso, impregnado de referências ao sexo e à sexualidade. Abordando os séculos XVII e XVIII na Europa Ocidental, Michel Foucault defende uma concepção de poder polimorfo, que incita, agrega, incide sobre os corpos e sobre o tema da população.

Na continuidade do seu projeto, Michel Foucault abandona a cronologia proposta inicialmente – estudo da modernidade, frisando os séculos XVII, XVIII e XIX – recobrindo-a com a problematização do estatuto histórico da sexualidade e do estatuto político das verdades instituídas sobre os prazeres, o desejo e nossa condição de seres viventes. No volume 2 da *História da Sexualidade*, Foucault (1984/2010) indica uma preocupação com a Antiguidade greco-romana, com o problema dos *aphrodisia* (obras ou atos de Afrodite) e já nos capítulos iniciais do volume, defende o ensaio como abrigo da ascese do próprio pensador. O ensaio abrigaria as transformações do olhar que o presente lança ao passado e a si mesmo. Recuperando o sentido da operação genealógica, Michel Foucault deseja indicar o corpo marcado e arruinado pelos ritmos da existência forjados no *devoir* histórico.

Sua operação histórica não isenta o próprio sujeito do conhecimento de sua condição histórica, realizando-se uma crítica ao absolutismo do sujeito cognoscente em relação às tramas políticas e institucionais que o tornaram possível. Construindo ferramentas de reflexão, Foucault busca dar inteligibilidade ao real. Com isso, do dispositivo de sexualidade que emerge no bojo do projeto biopolítico, o pensador francês se lança a uma historicização efetiva do sujeito do conhecimento, opondo-se à obviedade dos termos desejo, sexualidade e prazer, além de refletir sobre o estatuto político do que havia chamado de homem de desejo.

Com isso, o pensador transitará a uma investigação sobre a cultura de si na Antiguidade greco-romana, na filosofia dos primeiros séculos da nossa Era e sobre a restrição – ou dissolução – da relação estrita e necessária entre conhecimento e cuidado de si.

As ferramentas teóricas de Michel Foucault podem garantir ao campo da Psicologia uma ampla inspiração para o estudo de temas que condicionam, do ponto de vista histórico, a elaboração de saberes sobre a sexualidade e a subjetividade. Ao abordar o objeto sexualidade, por exemplo, o pensador faz uma história do homem ocidental como confessante, já que desde a elaboração do projeto político e intelectual da modernidade, os homens ocidentais são levados a buscar em suas sexualidades a chave de decifração de si mesmos. Além disso, o termo é raro, numa abordagem genealógica. Não vemos no termo sexualidade uma obviedade, mas tomamos distância em relação ao mesmo, de modo a podermos analisar o “*o contexto teórico e prático ao qual ela é associada.*” (FOUCAULT, 1984/2010, p.9). Contornando a evidência familiar do termo sexualidade, o pensador defende seu sentido histórico, garantindo aos saberes sobre o homem a condição de efeitos-instrumentos de novos tipos de normatividade, em sociedades chamadas por ele de “sociedades de normalização”. Na Antiguidade greco-romana, o pensador encontra, paradoxalmente, aquilo de que nos diferenciamos e aquilo em que não esgotamos de buscar uma referência. A problematização dos prazeres não se substancializava, anteriormente, em uma posição de permanência ou descoberta de si. Por intermédio de uma conversão a si mesmo, os regimes estudados por Foucault vão sendo ampliados, esgarçados, abandonados e retomados, emergindo com sentidos e funções diferenciadas. Nem evolução nem relativismo: genealogia.

O estudo do passado suspende a necessidade do presente, questiona sua permanência e sua evidência, já que garante a problematização política do que nos tornamos e do que deixamos de ser. Os homens que ainda somos: a sexualização da infância, a colonização das mulheres e a psiquiatrização das perversões são os efeitos de uma sociedade da confissão e da biopolítica.

Uma sociedade – como ainda é a nossa – se sustenta na presença maciça de saberes sobre a vida em nossas existências cotidianas, gerenciando-se o prazer, a alimentação, a saúde, garantindo-se a capitalização da nossa relação com os outros. A moralização dos prazeres e a insidiosa gramática das identidades sexuais têm operado com o apoio da vulgarização do saber psicológico. No entanto, para que possamos identificar o que somos, trata-se de defender o “*descaminho daquele que conhece(...)*” (FOUCAULT, 1984/2010, p.15). A genealogia poderia servir-nos como instrumento de historicização efetiva do presente. A colonização da infância e da sexualidade no Ocidente contemporâneo indicam alguns dos problemas que poderiam ser abrigados em nossa reflexão, com o intuito de estranharmos o que nos tornamos e o que temos feito conosco, além de permitir uma abordagem da formação de saberes como a Psicologia e a Psicanálise. Após a longa primeira abordagem do problema, trata-se, aqui, de dedicarmos um olhar mais cuidadoso a algumas das condições históricas para o surgimento de campos de saber como a Psicologia e a Psicanálise, defendendo uma convergência de dois tempos históricos estudados por Foucault. Inicialmente, apresentar melhor a presença de um procedimento de produção da verdade no limiar histórico-institucional de surgimento da Psicanálise, chamado de confissão. Posteriormente, lançar-se a uma breve apresentação do sentido da cultura de si, sua restrição na filosofia moderna e as importantes consequências colhidas, modernamente, na formação de

saberes sobre os homens. Os dois tempos históricos se encaminharão, no presente texto, a uma problematização da noção de *expertise*, principalmente por se tratar do termo que garantirá que abordemos a colonização da infância e da sexualidade na contemporaneidade. E que defendamos outro posicionamento de parte do saber psicológico sobre os temas.

Procedimentos de produção de verdade: confissão, sexualidade, psicologia e psicanálise

Como apontado anteriormente, Michel Foucault sugere uma importante relação entre a formação do dispositivo de sexualidade e a história de saberes como a Psiquiatria, a Psicologia e a Psicanálise. Castro (2009), ao sugerir que um dispositivo seja uma rede de relações estabelecidas entre elementos heterogêneos, como instituições, ditos e não ditos, recoloca a transição da problematização epistemológica na obra de Foucault ao privilégio que o tema do poder assumirá gradativamente, como nos estudos sobre a sexualidade. Foucault (1988/1997) institui uma longa discussão sobre a chamada hipótese repressiva, sugerindo a concepção de poder que se tornou célebre: intencional e não subjetiva, incitadora e produtiva e não efeito de um silenciamento geral e irrestrito. Considerando que a história da sexualidade no século XIX na Europa Ocidental deva ser feita sob a perspectiva de uma história dos discursos, Foucault (1988/1997) dá ênfase, em seus estudos, aos procedimentos de produção de verdade em relação ao tema da sexualidade. Ao mesmo tempo, apresenta a sua concepção da formação dos saberes Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria.

Historicizando o dispositivo de sexualidade, Michel Foucault (1988/1997) afirma ter se confrontado à necessidade de uma arqueologia da psicanálise, mas não circunscreve sua pesquisa a este campo de saber. Na verdade, trata-se de, inicialmente, indicar as importantes diferenças existentes entre as civilizações ocidentais e orientais, já que nas últimas não se forjou a vontade de saber que se reconhece na proliferação discursiva e institucional em torno do sexo e da sexualidade. Nas civilizações ocidentais – e aqui, se trata de uma história efetiva de parte do Ocidente cristão – assiste-se à valorização intrínseca dos enunciados extorquidos ou demandados por procedimentos científicos que herdaram a centralidade da confissão na história dos chamados procedimentos de produção de verdade. De acordo com Foucault (1988/1997):

“O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e de falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade. Deve-se, portanto, considerar, não o limiar de uma nova racionalidade, que a descoberta de Freud ou de outro tenha marcado, mas a formação progressiva (e também as transformações) desse ‘jogo da verdade e do sexo’ que o século XIX nos legou, e do qual nada prova, mesmo que o tenhamos modificado, estarmos liberados.” (p.56)

Gradativamente, o pensador se aproximará do tema da confissão, afirmando que o indivíduo passará a ser autenticado pelo discurso de verdade que se torna capaz de ter sobre si mesmo. A confissão da verdade passa a ser feita em primeira pessoa. Ao mesmo tempo, a confissão se torna uma das técnicas mais importantes para a produção da verdade. Os termos em que se coloca a produção não dizem respeito aos interesses do ascetismo cristão – em que a noção de salvação assume uma importância e um sentido eminentemente espiritual – e dirigem-se ao recobrimento administrativo de uma gestão das relações entre crianças e adultos, pais e filhos, mestres e aprendizes, amantes e, mais especificamente, entre pacientes e seus médicos. Tornamo-nos uma sociedade singularmente confessanda. Para complementar a citação anterior e fechar, provisoriamente, o ciclo de referências, pode-se considerar que

“A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se – ou se é forçado a confessar.” (FOUCAULT, 1988/1997, p.59)

Trata-se, no contexto formulado, de compreender a transição da confissão no ascetismo cristão a um conjunto de preocupações administrativas e científicas, que permitem, inclusive, a recolocação da situação das ciências humanas como a Psicologia, a Psicanálise e de parte da medicina, como a Psiquiatria. Michel Foucault (1988/1997) empreende uma abordagem genealógica da sexualidade, em que se trata, também, de analisar o modo como se elaboram subjetividades. Duas linhas de instituições e de discursos se relacionam, desde o século XIX: os rituais de confissão e os esquemas da regularidade científica. Curiosamente, parte dos procedimentos em curso nesta relação descreve a formulação de uma ciência do sujeito e a sistematização de diferentes projetos teóricos da Psicologia entre os séculos XIX e XX. A grande questão é compreender o que recobrirá o sentido eminentemente ascético da penitência cristã com vistas a uma apropriação terapêutica e administrativa da enunciação confidente de si no Ocidente. Para Foucault, existem algumas condições para que se opere este recobrimento. São elas: a codificação clínica do fazer falar, o postulado de uma causalidade geral e difusa, o princípio de uma latência intrínseca à sexualidade, o método da interpretação e a medicalização dos efeitos da confissão.

O fazer falar se inscreve, a partir do século XIX, na combinação entre a confissão e o exame, a narração de si mesmo e um conjunto de sinais e sintomas decifráveis. A causalidade geral e difusa do sexo se expressa na extrema preocupação, em curso no século XIX, com a etiologia sexual de distúrbios e doenças. O sexo traz perigos ilimitados e isso justifica a dispersão de procedimentos administrativos e médicos a fim de intervir sobre os riscos. O terceiro item apresenta uma importante redefinição do que

se entende por sujeito, nas proximidades institucionais e políticas com a formação da Psicanálise, como se pode depreender da discussão a seguir:

“O século XIX desloca a confissão ao integrá-la a um projeto de discurso científico; ela não tende mais a tratar somente daquilo que o sujeito gostaria de esconder, porém daquilo que se esconde ao próprio sujeito, e que só se pode revelar progressivamente e através de uma confissão da qual participam o interrogador e o interrogado cada um por seu lado.” (FOUCAULT, 1988/1997, p.65)

Prosseguindo na apresentação das condições histórico-institucionais para a emergência de um novo estatuto da confissão, Foucault incide sua interpretação sobre a cisão que se instala no próprio sujeito, o que justifica a própria natureza da relação entre quem interroga e quem é interrogado. A penúltima condição se refere ao método da interpretação, que permite duplicar a revelação da confissão, uma vez que se dirige à decifração daquilo que ela diz. Trata-se de uma função hermenêutica, em que está em jogo a constituição, por intermédio da confissão e da sua decifração, de um discurso de verdade. A sexualidade se torna algo a ser interpretado. Por último, tem-se a caracterização da medicalização dos efeitos da confissão. O domínio do sexo não se encontrará mais sob o registro da culpa ou do pecado, mas no regime do normal e do patológico. A confissão se torna uma exigência para as intervenções médicas. Neste sentido, a própria cura se redefine ao estar relacionada com a verdade dita a tempo, a quem é devido e por quem é seu detentor e responsável. Foucault (1988/1997) considera a sexualidade como correlato da prática discursiva desenvolvida gradativamente por intermédio do dispositivo e chega a reconsiderar o próprio estatuto da literatura e da filosofia, em que se tratará de um exame de si mesmo. A verdade impõe uma tarefa infinita e a relação do sujeito com a verdade justifica a proliferação de procedimentos científicos que se apropriam da sexualidade. Pode-se entender, portanto, que a Psicanálise, marcando uma importante diferença em relação aos discursos eugênicos e racistas do século XIX, se sustenta na ampliação do procedimento da confissão, destinando-se a uma redefinição do sujeito. A própria Psicologia, como ciência do sujeito, se situa, inicialmente, na reconfiguração da relação entre a enunciação de si, a relação com a verdade e com os outros. A sexualidade permite uma importante junção de problemas dirigidos aos processos de individualização em sociedades ocidentais a questões emergentes na gestão populacional e na tradução do velho tema da salvação em bases materiais: saúde, longevidade, conservação de mão de obra, otimização da existência. Ao mesmo tempo, a sexualidade serve como instrumento de especificação de indivíduos, justificando a elaboração de uma *expertise* psicológica sobre os indivíduos em sociedades ocidentais.

A pesquisa de Michel Foucault foi submetida a uma crítica formulada por diferentes frentes de investigação, como aquela proposta por Judith Butler (1990/2008) que indica a fecundidade da discussão foucaultiana em torno da elaboração histórica do dispositivo de sexualidade, mas sugere uma ultrapassagem de suas indicações, por intermédio de uma leitura de sistemas interpretativos forjados sobre a relação entre sexualidade e subjetividade, como é o caso da Psicanálise. Butler (1990/2008) propõe

que haja, em determinados momentos da pesquisa de Foucault, uma reiteração da suposição de que haja uma realidade anterior à sexualidade, livre dos procedimentos institucionais que inventaram a noção de sexualidade, indicando as contradições da perspectiva genealógica em termos da defesa de uma concepção de história efetiva. Contra a argumentação de uma anterioridade substancial em relação ao dispositivo de sexualidade, Butler (1990/2008) sugerirá uma crítica contundente ao que chama de metafísica da substância e uma leitura da Psicanálise, remetida à proximidade com a antropologia estrutural de Levi-Strauss. Tais controvérsias indicam, de forma clara, que a genealogia foucaultiana é objeto de distintas formulações teóricas sobre a relação entre subjetividade, sexualidade e verdade.

Gestão da sexualidade e uma interrogação ética sobre a existência

Michel Foucault substituiu a cronologia proposta no primeiro volume de *História da Sexualidade* por uma análise genealógica da subjetividade ocidental, ao inquirir regimes morais na história da cultura ocidental em que os prazeres constituíam parte da inquietação de homens livres diante da tarefa de tornarem suas vidas belas e exemplares. Até o presente momento, vimos que o estudo da confissão como um procedimento de produção de verdade permitiu uma historicização efetiva da Psicologia e da Psicanálise, uma vez que suas condições históricas de possibilidade se evidenciam. Reportando-se à composição da obra foucaultiana em seus momentos derradeiros, percebe-se que ainda persiste uma preocupação com a elaboração da subjetividade ocidental, não exaurida na familiaridade com o termo e instrumento sexualidade. Recolocando o problema da filosofia na contemporaneidade, Michel Foucault (1984/2010) recupera alguns regimes morais da Antiguidade greco-romana e dos primeiros séculos da nossa Era que possam não se tornarem modelos de conduta, mas inquirirem a própria naturalidade com que lidamos com a categoria sexualidade em nossos campos de saber e na própria experiência de nós mesmos. Curiosamente, a preocupação de Foucault não indica uma desistência em relação ao problema da sexualidade, mas uma ampliação da compreensão da subjetividade e da história dos procedimentos de produção de verdade no Ocidente. Desde o início do segundo volume de sua *História da Sexualidade*, Foucault (1984/2010) dá um estatuto privilegiado à parte dos processos que, comumente, se guardam nos bastidores. Privilegiando o ensaio e as transformações que se operam no pensador ao lidar com aquilo que investiga, Foucault (1984/2010) defende a perspectiva da história das problematizações, em que o ser humano se inquire sobre o seu próprio ser, resguardando sua liberdade e o exercício ético de suas parcerias com outros. Afirmando que estudará, doravante, as artes da existência e as técnicas de si, é curioso o quanto os textos serão ampliados, retomados e questionados nas entrevistas que o pensador dará durante a composição de seus textos e mesmo nas aulas que ministrará, garantindo tónus e a permanente problematização no curso da composição de seus estudos e na formulação de novas categorias conceituais sobre a subjetividade ocidental. Para nós, as discussões do pensador francês fornecem valiosos instrumentos para a consideração da Psicologia como *expertise* que não deve abrir mão

de sua correlata função ética. Joel Birman (2002) já havia indicado a complexidade do itinerário foucaultiano, inclusive frisando as posições que a Psicanálise assume na análise que Michel Foucault estabelece sobre a relação entre subjetividade e verdade. Birman (2002) considera que Foucault apresenta uma concepção de subjetividade que é fruto de uma crítica à substancialidade do sujeito, remetido a jogos de verdade e a processos de subjetivação. Desta forma, compreende-se que a Psicanálise e a Psicologia já foram, algumas vezes, diagnosticadas como campos de saber que guardam uma profunda relação histórica e institucional com a formulação de procedimentos de produção de verdade. No entanto, para nós, abre-se a possibilidade de uma recolocação do problema à luz da consideração da Psicologia como, também, uma tecnologia que incide sobre os modos como passamos a nos definir e a nos conduzir em nossa relação com nós mesmos e com os outros.

Prosseguindo na defesa de que o estudo da sexualidade seja uma ferramenta fundamental para estudos da subjetividade, é o próprio Michel Foucault (1984/2010) quem explica de forma contundente a relação, já indicada em momentos anteriores de sua pesquisa:

“Falar da ‘sexualidade’ como uma experiência historicamente singular [supõe] (...), também, que se (...) [possa] dispor de instrumentos suscetíveis de analisar, em seu próprio caráter e em suas correlações, os três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade.” (p.11) (parcialmente modificada por nós)

A discussão empreendida se coloca já no início do percurso, mas no prosseguimento da pesquisa, não será à modernidade que serão lançados olhares interpretativos, mas à problematização moral dos prazeres em contexto histórico em que não havia a noção de sexualidade e nem personagens correlatos – como na modernidade –, tais como o perverso, o masturbador e o homossexual. Lançando, assim, seu problema a um *devoir* histórico e político, não se parte em busca de um modelo, mas de um conjunto de práticas e exercícios morais e espirituais que se instituem no horizonte de práticas de liberdade. Talvez elas possam fornecer bases teóricas e éticas para a interpretação de nossa *expertise*.

Uma temática privilegiada no cenário que se formula, como já vimos, é a relação entre sujeito e verdade. Ao mesmo tempo em que Michel Foucault escreve os seus últimos livros, ministra cursos em que as fontes colocadas em relevo nos textos aparecem em uma temporalidade experimental distinta da formalidade do material escrito. Em curso proferido no *Collège de France* entre 1981 e 1982, Michel Foucault (2004/2011) trabalha longamente sobre textos antigos, formulando uma ampla série de indagações sobre a hermenêutica do sujeito, inquirindo não apenas as problematizações morais dos prazeres, mas os exercícios que subjazem a formulação de si mesmo como livre. Transitando por distintos momentos da história da filosofia – e não se restringindo a ela – Michel Foucault (2004/2011) apresenta a íntima relação que havia entre os princípios do cuidado e do conhecimento de si entre os antigos gregos. Tal relação

íntima, ou melhor, tal sobreposição do cuidado em relação ao conhecimento de si, obedecia a uma preocupação teleológica e moral com a formação de homens livres no contexto da Antiguidade grega. Fazendo referência à obra platônica, Michel Foucault (2004/2011) sugere um momento privilegiado em sua investigação, o chamado momento socrático-platônico, em que Sócrates ocupa um lugar essencial, por exortar seus contemporâneos a cuidarem de si mesmos e por lembrar-lhes da importância de que saibam cuidar de si mesmos a fim de poderem se tornar bons governantes, no caso da juventude ambiciosa e promissora do contexto histórico estudado. Foucault (2004/2011) localiza a prática socrática em um fenômeno cultural de conjunto e insiste em afirmar que:

“(...) durante todo esse período que chamamos de Antiguidade e segundo modalidades que foram bem diferentes, a questão filosófica do ‘como ter acesso à verdade’ e a prática da espiritualidade (as transformações necessárias no ser mesmo do sujeito que permitirão o acesso à verdade) são duas questões, dois temas que jamais estiveram separados.” (p.17)

Mesmo tomando todo o cuidado para não recair em fórmulas simplistas, modelos prescritivos, concepções monolíticas de épocas ou paradigmas – o que seria absolutamente contraditório ao percurso de um pensamento que opera com durações nem sempre cronológicas – Michel Foucault sugere a noção de momento cartesiano e o pensamento de René Descartes como uma das imagens do desprestígio que o cuidado de si assume no conhecimento de si. Descartes inaugura o idealismo moderno e formula uma concepção de sujeito em que as exigências éticas elaboradas no bojo dos exercícios estudados por Foucault na Antiguidade não fazem mais o mínimo sentido. Não se pode esquecer a importância e o alcance da filosofia moderna em relação à concepção de subjetividade em curso na formulação das chamadas ciências do homem no século XIX. Com essa perspectiva, entende-se, em certa medida, a restrição cartesiana do princípio do cuidado de si como um arquétipo do projeto científico que não se subsidiará em transformações no próprio ser do sujeito do conhecimento. É preciso tomar cuidado com a ideia de que estejamos em um limiar de cognoscibilidade impermeável e preciso, mas é importante considerar a atualidade da cisão entre conhecer a si mesmo e cuidar de si, relação amplamente estudada por Foucault nos últimos volumes de sua investigação sobre a sexualidade ocidental e em seus últimos cursos. Mas, como o estudo da Antiguidade ajudou Michel Foucault a reconsiderar o dispositivo de sexualidade, a diversidade sexual e os movimentos sociais em que a sexualidade figure como componente privilegiado? Foucault (1994/2004) ao apresentar sua obra para públicos híbridos, afirma que, em sua obra, dava a impressão – até, talvez, a sua pesquisa em *Vigiar e Punir* – que assentava suas hipóteses em técnicas de dominação, mas não seria através delas que se defenderia uma ampla possibilidade de compreensão dos processos de subjetivação, sendo necessário referir-se ao que se considera como técnicas de si, que são abordadas a partir de certo recuo cronológico na obra, traduzido como avanço temático e instaurador de uma nova sistematização de questões sobre a subjetividade em sua íntima relação com a sexualidade. Salma Muchail (2011; 2004) traz importantes contribuições em termos da consideração do momento cartesiano de modo mais

cuidadoso no panorama de problemas forjados pelo pensamento foucaultiano. É interessante que, uma das alternativas sugeridas por Muchail (2011) seja, exatamente, não nos enganarmos a respeito da restrição de princípios éticos na história da civilização ocidental no que concerne ao tema do conhecimento. Para Muchail (2011) é preciso não se desvencilhar da concepção política, ética, epistemológica e estética nos estudos sobre o conceito de homem, em que o cuidado de si no contexto frisado por Foucault, não se separa do cuidado com o outro.

Podemos considerar, portanto, que os estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade ocidental contribuem de forma significativa para a realização de uma historicização da Psicologia e da Psicanálise, já que fornecem uma imagem de condições históricas de possibilidade para a formulação de seus campos. Além disso, abrem uma possibilidade nova de estudos, ao considerarem tais saberes como tecnologias que não estão apartadas de formulações éticas. Tentaremos defender estas perspectivas no próximo item.

Expertise psicológica na contemporaneidade e a questão da sexualidade

Inicialmente, nos referimos à obra de Michel Foucault, principalmente ao seu esforço genealógico de relacionar a formulação de procedimentos de produção de verdade a problematizações de si no decurso do tempo histórico. Michel Foucault não abandonará as distintas formas de relação entre o sujeito e a verdade, alcançando diferentes regimes morais e formulações éticas na história ocidental que ampliam a compreensão sobre os processos de subjetivação, em alguns momentos relacionados a práticas de prazer, inquições filosóficas, conduções políticas da existência e composição da própria vida como obra de arte.

Na contemporaneidade, as discussões empreendidas por Michel Foucault podem nos auxiliar na compreensão do apelo feito ao campo da Psicologia no sentido de uma participação efetiva na gestão das sexualidades, na decifração das experiências sexuais e na intervenção sobre questões concernentes à sexualidade. Nikolas Rose é um estudioso inglês que, assentando-se na obra de Michel Foucault, tem refletido sobre as sociedades contemporâneas, reportando-se às noções de tecnologia, gestão e gerenciamento de individualidades, ao se voltar ao campo das práticas e saberes como a Psicologia, a Psiquiatria e a Psicanálise. Em um de seus estudos, Rose (1998/2011) questiona processos de elaboração de nós mesmos, relacionando instituições, serviços de saúde, técnicas de aconselhamento e construções arquitetônicas a mecanismos de elaboração de nós mesmos. Sua discussão não é diluída pelas tradicionais oposições entre o que se entende por social e o que se entende por psicológico. Contra a perspectiva de considerar a Psicologia como uma ciência aplicada, afirma-nos Rose (1998/2011):

“O papel social da Psicologia não deve, consequentemente, ser analisado como uma história das ‘aplicações’, mas como uma história das ‘problematizações’: os tipos de problemas aos quais o know how psicológico veio a se apresentar como solução e, reciprocamente, os tipos de questões que as maneiras psicológicas de ver e calcular tornaram problemáticas.” (p.118)

Rose (1998/2011) não se encaminha, portanto, a cisão entre um puro campo de ideias psicológicas e as tecnologias psicológicas, além dos processos de problematização de temas geridos pela Psicologia, como os indivíduos, as competências no processo de produção capitalista, a aprendizagem no contexto escolar e a sexualidade nas relações humanas. Não se trata de um estudo ideológico ou de uma abordagem representacional das práticas psicológicas, mas da consideração da Psicologia como uma tecnologia. De acordo com o próprio Rose (1998/2011),

“Sem dúvida, a Psicologia é, em parte, uma questão de ideias, e sua difusão deve ser explicada, em parte, em termos de ressonâncias culturais e influências pessoais. Entretanto, as ideias psicológicas deveriam talvez ser vistas menos como ‘formas de pensar’ do que como ‘técnicas intelectuais’, formas de tornar o mundo inteligível e praticável de determinadas maneiras.” (p.119)

Com essas contribuições, pensamos que, no que concerne ao tema da sexualidade, no contexto da contemporaneidade, não se pode abrir mão do estatuto de autoridade da Psicologia e, mesmo, da Psicanálise, na compreensão e intervenção sobre os problemas formulados por indivíduos e grupos, uma vez que a intervenção técnica não se estrutura em um vácuo institucional e histórico. Ou seja, ela não pode estar cindida de uma problematização ética. O grande espaço que enunciados psicológicos assumem em programas de televisão, a força de argumentos psicológicos que são vulgarizados em diferentes meios de comunicação e a destinação aos profissionais do campo da Psicologia de temas emergentes na interpretação da sexualidade e do desenvolvimento da identidade sexual de indivíduos em diferentes momentos de sua existência indicam a força de diagnósticos em Psicologia. Michel Foucault, neste sentido, nos auxilia a compreender a proveniência do tema da tecnologia em Psicologia, ao indicar a proximidade entre regimes éticos de formulação de si e a proliferação de dispositivos concernentes ao prazer, à relação com os outros e a sexualidade. Entendemos que a *expertise* psicológica é parte resultante do sentido histórico do saber psicológico, não indicando sua essência ou natureza.

Como efeito-instrumento do dispositivo de sexualidade, a Psicologia e a Psicanálise são procedimentos que abrigam e decifram desejos e práticas. Ajudaram a garantir um espaço de enunciação a sexualidades não reprodutivas, chamadas por Foucault de sexualidades periféricas. Inauguraram a possibilidade institucional de tratar, fora dos interesses inscritos na moralidade cristã, da relação entre a elaboração de si mesmo como sujeito e a sexualidade. Na contemporaneidade, podem se tornar saberes e práticas protagonistas na formulação de uma resposta ampla à tentativa de patologização e desqualificação moral da diversidade sexual e de sujeitos que se formulam a partir desta diversidade. Recentemente, uma discussão sobre a possibilidade de reversão da homossexualidade por profissionais da Psicologia tem assombrado a história de uma profissão e de um saber que não estão comprometidos com o julgamento ou a desqualificação de grupos humanos e de indivíduos. No entanto, posicionar-se em relação ao tema é, em certa medida, recuperar parte das operações históricas que condicionaram a formação de saberes como a Psicologia e a Psicanálise.

Considerar as mesmas como, também, tecnologias, implica em garantir um espaço ético à *expertise*. Como nos adverte, ainda, Rose (1998/ 2011):

“Uso o termo *expertise* para referir-me a um tipo particular de autoridade social, caracteristicamente desenvolvida em torno de problemas, exercendo um certo olhar diagnóstico, fundada sobre uma reivindicação de verdade, afirmando eficácia técnica e reconhecendo virtudes éticas humanas.” (p.123)

A condição de *expert* não isenta um profissional de um exercício ético sobre sua prática. Além disso, nos lança ao amplo campo de formulação da Psicologia e da Psicanálise, que não podem – sob o risco de se reduzirem a técnicas de submissão a valores transcendentais ao conjunto de relações sociais e institucionais em que sujeitos e práticas são formulados – deixar na mão de moralistas o terreno ético, político, estético e conceitual que não se justifica como arena de produção de diagnósticos fatalistas sobre a sociedade e os prazeres forjados por homens e mulheres. Mas, na verdade, conjunto de discursos e instituições a partir do qual se pode defender a indissociabilidade entre regimes de instauração de verdade e exercícios de formulação de nós mesmos e nosso destino em sociedade. Mais do que isso, a condição de tecnologia precisa ser esgarçada, a fim de que vislumbremos outros horizontes e forjemos novos valores, atentos à vida, ao tempo, aos outros e a nós mesmos.

Submetido em: março de 2013

Aprovado em: abril de 2013

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, J.(2002). Jogando com a Verdade. Uma leitura de Foucault. *Physis*, 12(2), 301-324.
- BUTLER, J. (2008). Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. RJ: Civilização Brasileira (Publicado originalmente em 1990).
- CASTRO, E. (2004). Vocabulário de Foucault. BH: Autêntica.
- FOUCAULT, M.(1997). História da Sexualidade I: A vontade de saber. RJ: Graal (Publicado originalmente em 1988).
- FOUCAULT, M. (2010). História da Sexualidade II : O uso dos prazeres. SP: Graal (Publicado originalmente em 1984).
- FOUCAULT, M. (2011). A Hermenêutica do Sujeito. SP: Martins Fontes (Publicado originalmente em 2004).
- FOUCAULT, M. (2004). Ética, Sexualidade, Política. RJ: Forense Universitária (Publicado originalmente em 1994).
- MUCHAIL, S.T.(2004). Foucault, simplesmente. SP: Loyola.
- MUCHAIL, S.T.(2011). Foucault, mestre do cuidado: Textos sobre A hermenêutica do sujeito. SP: Loyola.

ROSE, N.(2011). Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade. RJ: Vozes (Publicado originalmente em 1998).